

A SALAMANCA DO JARAU



História: JOEL RUFINO DOS SANTOS

Ilustrações: PAULO CARUSO

Narrador — Esta história aconteceu em tempos perdidos,
nos campos e coxilhas do Rio Grande do Sul.
Bueno... Morava numa estância
uma guria por nome Florisbela. Ninguém nunca soube
por que tão misteriosa era Florisbela.
Não adiantava fazer festa, dar brinquedo, contar
história, inventar brincadeira nova.
Florisbela ficava olhando pra longe, quietinha...

*Balaio, meu bem, balaio,
sinhá, balaio, do coração.
Moça que não tem balaio, sinhá,
põe a costura no chão!*

Vozes — Venha, Florisbela, venha! Venha dançar, Florisbela!
Narrador — Florisbela dava um risinho para
agradar as pessoas...
Florisbela — Não posso, não...
Narrador — Depois a guria voltava a olhar para longe,
como se estivesse esperando alguém...
Gaúcho — Guria estranha essa, chê...



Narrador — Mas, todo ano, sem falta, tinha rodeio
nessa estância. Tu precisavas ver, chê, que
fandango, que festa!

*Balaio, meu bem, balaio,
sinhá, balaio, do coração.
Moça que não tem balaio, sinhá,
põe a costura no chão!*

Narrador — A gauchada toda passeava nos seus baios e tordilhos:
lenço no pescoço, barbicacho no beço,
guaiaca na cintura, adaga, bombacha de cento
e vinte botões, esporas barulhentas,
brilhando, boleadeiras...

*Eu queria ser balaio,
balaio eu queria ser,
pra andar dependurado
na cintura de você!*

Narrador — E não é que num dia de rodeio Florisbela começou
a namorar um indiozinho? Só que o pai
de Florisbela não quis deixar o namoro, não.
No pleno meio do fandango chamou a guria de lado.



Estancieiro — Índio só presta pra campear, pra fazer um chimarrão quando a gente quer tomar um mate na beira do fogo. Pra fazer companhia, também, no silêncio grande da coxilha. Agora, pra namorar filha minha, não! Não quero, ouviste? Nem que fosse o filho do Generoso...

Narrador — Esse Generoso, de quem o estancieiro falava, era aquele cacique velho e brincalhão, gaúcho!

Gaúcho — Mas esse Generoso já morreu há muito tempo, chê!

Narrador — *Bueno*, gaúcho... Mas quando uma cortina bulia, uma brasa acendia sem ninguém soprar, um cavalo disparava sem ninguém esporear...

Gaúcho — Já sei... Artes de Generoso, chê!

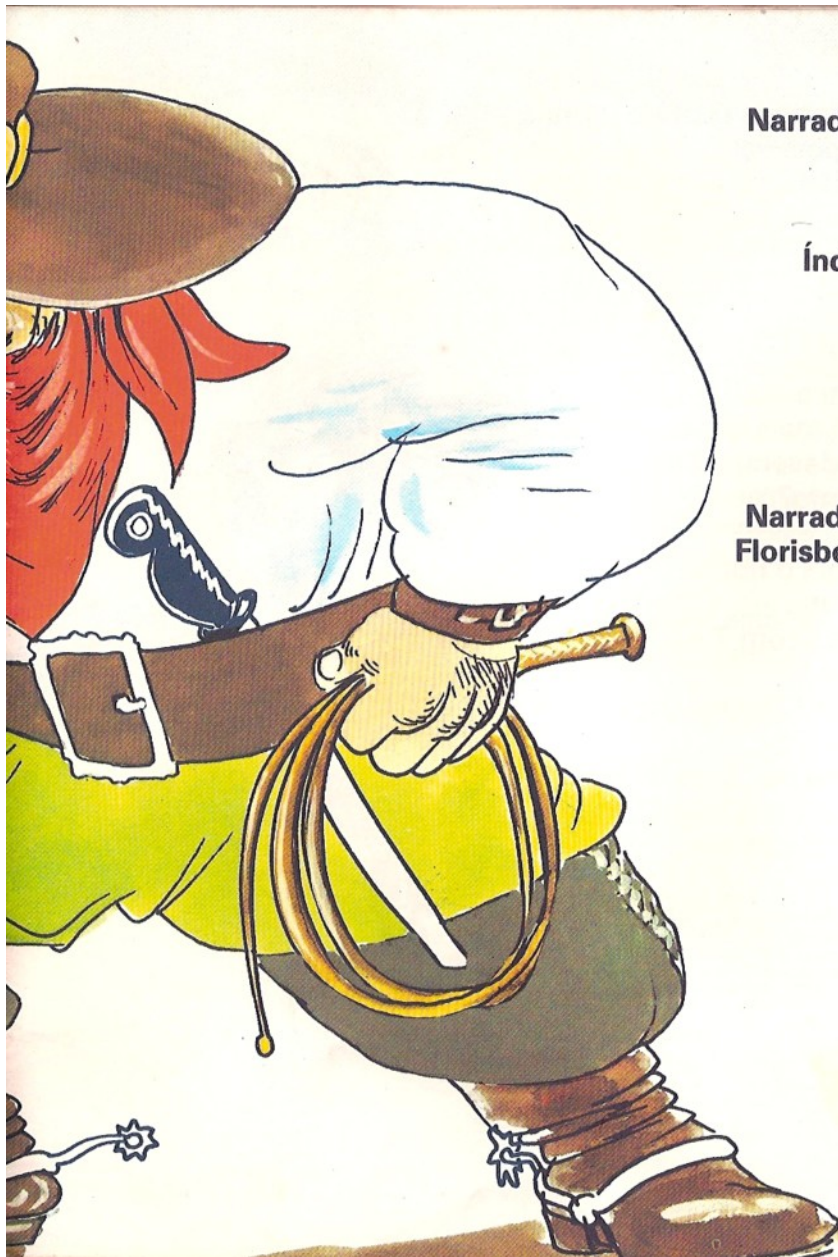
Narrador — Mas o estancieiro não se conformava mesmo com o namoro...

Estancieiro — Não quero, ouviste bem? Nem que fosse o filho do Generoso!

Florisbela — Mas, paizito...

Estancieiro — Não tem paizito nem meio paizito. Já te disse: não quero!





Narrador — A menina Florisbela obedeceu. Largou de mão o namoro que o pai não queria. Antes de partir, porém, o namorado fez um pedido à Florisbela...

Índio — Abre a mão e fecha os olhos, prenda minha, que eu vou te dar outra prenda...

*Vou-me embora, vou-me embora, prenda minha,
tenho muito o que fazer...
Tenho de ir parar rodeio, prenda minha,
no campo do bem-querer...*

Narrador — Quando Florisbela abriu os olhos...
Florisbela — Nossa! É um diamante! E como brilha! Mas... Mas ele foi embora? Me deixou sozinha?

*Noite escura, noite escura, prenda minha,
toda noite me atentou...
Quando foi de madrugada, prenda minha,
foi-se embora e me deixou...*



- Narrador** — Passou que passou o tempo. Os campos ficaram verdes, depois branquinhos de geada, depois verdes outra vez. Belo dia, quando Florisbela acariciava o diamante no colo, pensando no namorado, não é que entra o pai?
- Estancieiro** — Quem te deu este regalo?
- Florisbela** — Foi... Foi...
- Narrador** — Cadê que a guria conseguia dizer? A cunhã morria de medo que o pai a castigasse.
- Estancieiro** — Me dá cá essa jóia. Comigo estará mais bem guardada. Como já vi que vocês se gostam, deveras, diga a esse ... Como se chama ele mesmo?
- Florisbela** — Se chama... Se chama...
- Narrador** — Deixa estar que Florisbela não sabia o nome do namorado! Aí, resolveu inventar...
- Florisbela** — Não me lembro. Só sei que começa com T e termina com a.
- Estancieiro** — Começa com T e acaba com a, hem? *Bueno*, diga a este guri sem nome que venha falar comigo.
- Narrador** — Como Florisbela podia recadar pro seu bem-querer? Só pensando. Foi nisso que o diamante que ele deixou pegou de piscar. E ela escutou mui bem escutada a voz dele.
- Índio** — Podes me dizer, prenda minha, o que tu queres...
- Florisbela** — Quero que tu venhas falar com meu pai, na primeira noite de lua cheia. Se vires uma rede branca na varanda, serei eu que te espera.





*Fiz a cama na varanda,
me deitei pensando em ti.
Deu um vento na roseira,
ai, meus cuidados,
e eu do sonho me esqueci.*

Narrador — Assim fez o namorado proibido de Florisbela.
Quando a primeira lua-assu banhou as coxilhas, ele
chegou e ficou espiandinho, perto da varanda.

*Fiz a cama na varanda,
me esqueci do cobertor.
Deu um vento na roseira,
ai, meus cuidados,
me cobri toda de flor.*

Gaúcho — *Pero isto está com cheiro de traição do estancieiro
rabioso, amigo!*

Narrador — *Bueno, gaúcho, isso não passava, deveras, de uma armadilha do estancieiro fingido. E a peonada agarrou o índio e amarrou com um laço.*

Estancieiro — Joga na Salamanca do Jarau! Este índio vai aprender o seu lugar!

Peão — Jogar onde, patrão?

Estancieiro — Tu não escutaste, chê? Na Salamanca do Jarau!

Narrador — A Salamanca do Jarau era uma caverna medonha. Luz do dia não entrava lá nunquinha. Era um lugar feio onde moravam bichos ruins.

Gaúcho — Diz que da Salamanca do Jarau ninguém nunca escapou sozinho!

Narrador — Diz que lá o chão cola feito visgo. As paredes escorregam feito casca de banana... Só os teiús e aranhas podem entrar e sair!

Gaúcho — E quem não conhece por estes pagos a Salamanca do Jarau, chê? Lugar mais feio que esse não há! Lá só moram bichos ruins: tarantiões-assu, cobratas, ipupiaras, penicileus, epidâmios, voadores, alocustres-mirins...





Narrador — Mas a discussão do estancieiro com o peão continuava...

Peão — Jogar o índio na Salamanca do Jarau, meu patrão? Barbaridade! Eu penso...

Estancieiro — Tu não tens que pensar nada, peão! Tu és pago para obedecer, não para pensar!

Gaúcho — E a peonada obedeceu ao estancieiro?

Narrador — Claro, chê, os peões estão acostumados a obedecer. O índio foi jogado na caverna!

Gaúcho — Que destino ingrato o dele, amigo!

Narrador — Mas, vai que daí a algum tempo começou a dar ladrão na estância. Uma noite sumiu o belo diamante que o estancieiro havia tomado da filha. Na outra noite, os anéis de puro ouro que ele havia herdado do seu pai.

Estancieiro — Onde estamos? Ninguém mais dorme nesta estância enquanto não pegarem esse ladrão! Isto deve ser obra de castelhano! Barbaridade!

Narrador — A peonada cercou a estância. E toca a vigiar. Era meia-noite, e o minuano soprava forte quando, no céu frio do pampa, veio voando uma estrela-assu.

Peão 1 — Estrela voa?
Peão 2 — Não, claro que não!
Peão 1 — *Bueno*, então aquilo não é uma estrela.
Peão 2 — É uma fogueira, chê, não estás vendo?
Peão 1 — Fogueira pula?
Peão 2 — Não, claro que não!
Peão 1 — *Bueno*, então aquilo não é uma fogueira.

Narrador — Mas aquilo está pulando, chê, de coxilha em coxilha!
O luzeirão veio vindo, veio vindo e engoliu a estância!

Peão 1 — Fecha os olhos, gauchada! É o Teiunaguá!

Peão 2 — E quem de frente olhar, jamais voltará a enxergar, chê!

Narrador — E era ele mesmo! O Teiunaguá, com um diamante brilhoso no meio da testa! Mais parecia um cometa, uma cobra de luz se enroscando na casa da estância! Depois de algum tempo partiu. Carregava nos braços cadeiras, mesas, quadros, painéis — tudo o que havia na casa do estancieiro.



- 
- Gaúcho** — Então era Teiunaguá o ladrão!
Narrador — Mas a peonada montou rapidamente em seus cavalos e partiu atrás do Teiunaguá.
Peão 1 — Está indo para a Salamanca do Jarau!
Peão 2 — Barbaridade!
Narrador — O Teiunaguá era, porém, muito mais veloz que os cavalos. A peonada só podia enxergar, de longe, seu corpo de lagarto. Ninguém nunca viu, naqueles pagos, animal mais *hermoso* que o Teiunaguá!
Peão 1 — Valha-me, São Generoso! O Teiunaguá é o índio que prendemos na Salamanca do Jarau!
Peão 2 — É o Teiunaguá, mesmo, chê!
Narrador — Diz que o lagarto encantado só saiu mais uma vez da Salamanca do Morro do Jarau. Foi uma noite, para buscar sua namorada, Florisbela.

*Noite escura, noite escura, prenda minha,
toda noite me atentou...*

*Quando foi de madrugada, prenda minha,
foi-se embora e me deixou...*



Narrador — Diz que o nome de Florisbela, deveras, é Anansi, a aranha que, ao invés de tecer teias, como as aranhas comuns, passa a vida tecendo histórias, “causos”...
Diz que ela já sabia que um dia, num rodeio, chegaria o seu noivo, o Teiunaguá, disfarçado de índio...

Quando foi de madrugada, prenda minha, foi-se embora e me deixou...

Gaúcho — Outros, porém, contam diverso, amigo. O estancieiro, mui arrependido, foi lá, soltou o índio e fez o casamento dos dois.

Narrador — E aquele luzeirão que viram no céu?

Gaúcho — *Bueno...* Será que foi um boitatá andarilho que veio de Minas visitar o Rio Grande do Sul?

Narrador — Pode ser que sim, pode ser que não... Cada um diz uma coisa! *Pero...* Tu acreditas no que quiseres, chê!

Vou-me embora, vou-me embora, prenda minha...